



LIVRO DE ROMANOS

COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 10



Pr. Lúcio Mauro Silva Lima



COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 10

10:1

“Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos.”

Paulo não cria que a salvação dos judeus fosse um caso perdido, por esse motivo orava a Deus com muita intensidade para que fossem salvos (literalmente “para a salvação”), isto é, para que se apropriassem dessa salvação.

10:2

“Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento.”

Quando Paulo disse: “Lhes dou testemunho”, estava admitindo o interesse religioso que Israel possuía, atribuindo-lhes o crédito pelo mesmo. Ninguém sabia melhor que o apóstolo em que consistia esse zelo; em poucos esse zelo foi tão intenso (*“E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais”* Gl 1.14). Entretanto o zelo de Israel por Deus não se baseava no verdadeiro conhecimento (epignwsiv epignosis= lit. sobreconhecimento ou conhecimento superior) do CAMINHO DE DEUS PARA A SALVAÇÃO QUE É A FÉ EM CRISTO.

10:3

“Porquanto, desconhecendo (agnoew agnoeo= ignorar) a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.”

Paulo expõe as duas falhas capitais dos judeus com respeito à salvação, as quais também podem alcançar a todos os que têm uma compreensão religiosa da relação do homem com Deus. Primeiro, os israelitas procuraram estabelecer sua própria justiça (observe sua autoconfiança). Segundo, eles não se sujeitaram ao que Deus tinha providenciado – suas vontades eram inflexíveis, inegociáveis. Portanto o primeiro passo para obtermos a justiça divina consiste em renunciar a nossa própria justiça nos submetendo a Deus, que implica em aceitarmos o seu método de salvação, mesmo que isto venha a ferir a nossa justiça ou conceito de justiça (trapo de imundice).



10:4

“Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.”

Somente no caso do crente Cristo é o fim da lei para a justiça. Paulo declara ser Cristo o término da lei para todo aquele que crê, e toda a sua declaração visa apenas confirmar que todo o crente rompe definitivamente com a lei, como um meio de alcançar justiça. Nenhum dos heróis da fé obteve justiça de Deus por meio da observância da lei (*“E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras: Não foi por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé.”*Rm 4.6; 13). Portanto não há qualquer sugestão de que, as obras da lei haviam sido apresentadas como base da salvação, mas que agora, em virtude da morte de Cristo esse método foi substituído pela justiça baseada na fé.

10:5

“Ora, Moisés escreveu que o homem que praticar a justiça decorrente da lei viverá por ela.”

O ofício a que Moisés foi incumbido era a instrução do povo na genuína piedade. Portanto seu dever era pregar o arrepentimento e a fé. A fim de ensinar o arrependimento ao povo, era imprescindível que ele o instruisse naquela forma de vida aceitável a Deus, naquela forma de vida compatível com o caráter de Deus. E ele incluiu isto nos preceitos da lei. Para que pudesse introduzir, infiltrar na mente do povo amor à justiça, como também implantar ódio ao pecado, ele tinha que adicionar promessas e ameaças para revelar as conseqüências de uma vida no pecado e a de uma justa. O dever do povo consistia em considerar de quantas formas eram acusados e quão longe se achavam de merecer a graça divina por suas obras. Ao sentir-se desanimados de conseguir alguma justiça por seus próprios esforços, então procurariam refúgio na graça divina. Este foi o propósito do ministério de Moisés e consqüentemente da lei. Por essa razão Moisés é por João contrastado com Cristo, quando diz: *“A lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade foram dadas por Cristo”*. Portanto visto que ninguém alcança a justiça prescrita pela lei a não ser pelo cumprimento perfeito de todas as partes dela, e visto que todos os homens sempre estiveram distantes de tal perfeição (mesmo os judeus mais piedosos tinham consciência de seus fracassos, por isso faziam ofertas pelos seus pecados e transgressões. Por este motivo o crente judeu não podia aceitar Lv. 18.5 como garantia legalista da vida eterna, mas apenas como uma PROMESSA DE DEUS envolvendo a comunhão do homem com Ele) é vã qualquer tentativa de se obter a salvação por esta via.



10:6-8

“Mas a justiça decorrente da fé assim diz: Não perguntes em teu coração: Quem subirá ao céu?, isto é, para trazer do alto a Cristo; ou: Quem descerá ao abismo?, isto é, para levantar Cristo dentre os mortos. Porém que se diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração (Jr 31.31-341); isto é, a palavra da fé que pregamos.”

A passagem é extraída de Deuteronômio 30.11-14 (*“Porque este mandamento que, hoje, te ordeno não é demasiado difícil, nem está longe de ti. Não está nos céus, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Nem está além do mar, para dizeres: Quem passará por nós além do mar que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Pois esta palavra está mui perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a cumprires”*). Moisés, nesse texto (quando ministrava instruções ao povo de Israel com respeito à sua entrada na terra de Canaã), não está só apontando para a lei, mas também para toda a doutrina de Deus.

“Não perguntes em teu coração: Quem subirá ao céu?, isto é, para trazer do alto a Cristo; ou: Quem descerá ao abismo?, isto é, para levantar Cristo dentre os mortos.” Moisés usa as palavras *céu* e *abismo* para sugerir lugares que são absolutamente inacessíveis ao homem. Paulo aplica estas palavras à morte e ressurreição de Cristo. A tarefa realmente difícil não nos cabe enfrentar. Ela já foi realizada por Cristo, para nós. A segurança de nossa salvação se apoia em dois fundamentos: **a conquista da vida** e **a derrota da morte**. O apóstolo nos ensina que a nossa fé é apoiada em ambas através do evangelho, pois, Cristo ao morrer, tragou a morte; e, ao ressuscitar, recebeu vida em seu poder. O benefício da morte e ressurreição de Cristo nos é agora comunicado por meio do evangelho. Não há pois razão para sairmos em busca de algo mais, ou de duvidarmos da completa vitória que nos foi concedida unicamente em Cristo.

10:9

“Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.”

“Se, com a tua boca... em teu coração, creres...”. A fé salvadora não é vazia, nem apenas nominal, ela penetra no coração, é interior, se manifesta no íntimo, é absolutamente não religiosa.

“...Jesus como Senhor...”. A confissão “Jesus como Senhor (*Kyrios*)” se refere ao senhorio que Jesus exerce em virtude de sua exaltação e também denota sua natureza divina (o título “senhor” era a forma como os judeus se referiam a Deus [*adonay*]). Este senhorio pressupõe a encarnação, a morte e



ressurreição de Cristo e consiste de sua investidura universal e por inferência a idéia de que o crente que faz tal confissão, Lhe pertence.

“...Deus o ressuscitou dentre os mortos...”. aqui se declara a potência de Deus.

10:10

“Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.”

“Porque com o coração se crê para justiça”. A fé está no coração, nos afetos, evidenciando que não é mera idéia, produto da razão.

“Com a boca se confessa a respeito da salvação.” Ninguém pode crer com o coração sem confessar com a boca, ou seja, sem exteriorizar tal fé. “É completamente irracional insistir que exista fogo onde não existe calor algum” (Calvino).

10:11

“Porquanto a Escritura diz: Todo (pav pás= todas as coisas, qualquer um) aquele que nele crê não será confundido.”

De novo, como em 9.33 Paulo cita Isaías 28.16, dessa vez, contudo, de uma forma um tanto fortalecida, “aquele que... jamais” sendo mudado para “todo aquele que... jamais”, reafirmando o caráter eminentemente UNIVERSAL do evangelho.

10:12

“Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.”

“Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos”. A universalidade da bondade e senhorio de Deus é reafirmada. Da mesma forma como não há distinção entre nós porque em Adão todos nós somos pecadores, também agora não há distinção entre nós porque somente em Cristo, que é *Senhor de todos*, encontramos salvação. O modo de salvação é o mesmo, logo não superioridade de um grupo (judeus) sobre outros (gentios).

“Rico para com todos os que o invocam.” Deus é rico, todo o ouro e toda prata pertencem a Deus (Ag 2.8). Todo animal da floresta é seu, e assim é o gado (Sl 50.10, 12). Entretanto a maior riqueza que Deus quer nos conceder é o caráter de Cristo que paulatinamente é implantado nos corações dos crentes mediante o poder transformador do Espírito Santo.



10.13

“Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.”

“Invocar o nome do Senhor” é uma maneira típica encontrada no Antigo Testamento de expressar a adoração dirigida a Deus e se aplica, de modo específico, à adoração em forma de súplica (Gn 4.26; 12.8; 13.4; 21.33; 26.25). Joel 2.32 possui a mesma significação que lhe pertence em qualquer outra citação. A súplica pressupõe algumas características por parte de quem clama à Deus, por exemplo: insistência, humildade, e fundamentalmente fé. Portanto o caminho da salvação é trilha por aquele que insistentemente e humildemente reconhece o senhorio de Cristo sobre a sua vida, e cheio de fé crê que ele é capaz de salvá-lo. Este apelar para Jesus em busca de salvação é algo tão característico do povo cristão que Paulo descreve a família cristã como sendo *“todos os que, em toda a parte, invocam o nome do nosso Senhor Jesus”* (I Co 1.2). Esta invocação deve ser algo constante na vida do cristão.

10.14, 15a

“Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue (khrussw *kerusso*= arauto)? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: E como pregarão, se não forem enviados?”

Paulo passa a demonstrar a necessidade indispensável de evangelizar. Quando os homens confiam ou crêem em Cristo, invocam o seu nome. Isto leva Paulo a indagar sobre a invocação do nome do senhor. Não pode haver invocação sem *crença* ou confiança, não pode haver crença ou confiança sem o *ouvir*. Não pode haver o *ouvir* sem que haja *pregação* (na antiguidade, a principal forma de se transmitir notícias eram as proclamações públicas feitas pelo arauto na praça pública ou no mercado da cidade). Não haverá pregação se os pregadores não forem enviados.

10.15b

“Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!”

Paulo aqui compara os ministros cristãos que propalam o evangelho aos arautos que chegam a sião na profecia de Isaías (*“Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!”* Is 52.7) para anunciar a queda da Babilônia e a libertação dos seus cativos. Tais arautos aproximam-se de Jerusalém saltando por cima dos montes, como graciosos



antílopes, e todos admiram sua corrida e seus saltos. A mensagem trazida é de libertação, e quão belos são os pés daqueles que a anunciam. Do ponto de vista dos céus não existe nada mais belo (han *na* "ah= formoso, lindo) do que a tarefa de anunciar a mensagem salvadora de Deus, que é Cristo (*"Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente [kalov kalos=bonito de olhar] obra almeja"*. I Tm 3.1).

10.16

"Mas nem todos obedeceram ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem acreditou na nossa pregação?"

Paulo retorna ao tema que permeia toda esta parte da carta, ou seja, a incredulidade de Israel. Antecipando-se a uma possível objeção ao seu argumento anteriormente exposto (*"Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: E como pregarão, se não forem enviados?"*v.14, 15a), isto é, que a Palavra sempre precede a fé como a semente vem antes da planta, o apóstolo expõe que embora as boas novas sejam proclamadas; isto não significa necessariamente que os ouvintes obedecerão ao evangelho. Paulo para reforçar seu ensino cita Isaías 53.1 (*"Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR?"*), texto em que o profeta Isaías antes de apresentar sua famosa profecia sobre a morte e o reino de Cristo, fala com espanto do ínfimo número de crentes, mais uma vez confirmando que a incredulidade de Israel foi algo previsto pelas Escrituras do Antigo Testamento.

10.17

"E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra (rhema rhema= palavra proferida, dirigida, uma palavra viva da parte de Cristo, diferente de logos [palavra na qualidade de concepção ou idéia]) de Cristo."

A palavra de salvação é aquela que vem dirigida da parte de Deus, uma palavra viva, que toca o coração, que tem "endereço certo". A pregação que salva deve ser sempre o *rhema* de Deus, nunca o "logos" do homem, deve vir sempre encharcada do Espírito Santo de Deus que é o Espírito de Cristo.

10.18

"Mas pergunto: Porventura, não ouviram? Sim, por certo: Por toda a terra se fez ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo."



Por que os judeus não obedeceram às boas novas? O apóstolo mais uma vez se antecipando trata das duas desculpas que possam ser apresentadas. A primeira: **“Porventura, não ouviram?”** Sim, ouviram bem. Ele cita o Salmo 19.4 o qual mostra que mesmo Davi já havia entendido que a revelação de Deus sobre o evangelho havia alcançado toda a terra (dentro do contexto do povo judeu, ou seja, de certo modo onde havia uma comunidade judaica ali o evangelho já fora pregado). Portanto os judeus já ouviram, sim; eles não podem justificar a sua incredulidade com a desculpa de não terem ouvido.

10:19

“Pergunto mais: Porventura, não terá chegado isso ao conhecimento de Israel? Moisés já dizia: Eu vos porei em ciúmes com um povo que não é nação, com gente insensata eu vos provocarei à ira.”

A segunda desculpa trata de uma falha de conhecimento: **“Porventura, não terá chegado isso ao conhecimento de Israel?”** Sim, soube muito bem. Moisés foi o primeiro a dizer que deus usaria uma nação ou gente com falta de entendimento para tornar os judeus ciumentosos e irados (*“A zelos me provocaram com aquilo que não é Deus; com seus ídolos me provocaram à ira; portanto, eu os provocarei a zelos com aquele que não é povo; com louca nação os despertarei à ira.”* Dt 32.21). Portanto, se a rejeição de Israel ao evangelho não pode ser atribuída, nem ao fato de não terem ouvido, nem ao fato de não haverem entendido, então não lhe resta desculpa alguma.

10:20

“E Isaías a mais se atreve e diz: Fui achado pelos que não me procuravam, revelei-me aos que não perguntavam por mim.”

10:21

“Quanto a Israel, porém, diz: Todo o dia estendi as mãos a um povo rebelde e contradizente.”